

---

**Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo:  
aproximações com a educação popular**

*The popular pre-college courses offered by the public universities in São Paulo: approximations  
with the popular education*

Ana Regina de Oliveira Hungaro  
Adriana Pugliese  
**Universidade Federal do ABC (UFABC)**  
Santo André/SP – Brasil  
Rosália Aparecida de Oliveira  
**EMEF Bartolomeu Lourenço de Gusmão**  
São Paulo/SP – Brasil

**Resumo**

A Educação Popular pode ser entendida como um processo político e pedagógico que envolve diferentes camadas populares e incentiva seus estudantes a serem agentes transformadores nas esferas política, cultural, econômica e social do país. Dentre as diversas iniciativas de Educação Popular, temos os cursinhos populares e comunitários oferecidos pelas universidades, movimento que surgiu diante da desigualdade no acesso dos jovens de diferentes classes sociais a esses espaços. O presente trabalho traz um levantamento dos cursinhos oferecidos pelas universidades públicas da cidade/região metropolitana de São Paulo, suas histórias e características. Percebe-se, diante disso, a importância do caráter extensionista da/na Educação Superior, e, ao mesmo tempo, abre-se espaço para discutirmos a formação de professores na área.

**Palavras-chave:** Cursinhos comunitários; cultura popular; Paulo Freire.

**Abstract**

Popular Education can be understood as a political and pedagogical process that involves different popular strata, encouraging the students to be agents of transformation in the political, cultural, economic and social spheres of the country. Among the various initiatives of Popular Education, we have the popular and community pre-college courses offered by universities, a movement that arose in the face of the inequality in the access of young people from different social classes to these spaces. The present work presents a survey of the public pre-college courses offered by the public universities in the city/metropolitan region of São Paulo, their histories and characteristics. In view of this, it is possible to notice the importance of the extensionist character at Higher Education, and, at the same time, it opens space to discuss teacher training in the area.

**Keywords:** Community courses; popular culture; Paulo Freire.

## **Introdução**

A Educação Popular pode ser entendida, segundo Calado Júnior (2014), como um processo político e pedagógico que envolve diferentes camadas populares – e consequentemente diferentes protagonistas. Para Pini (2012), ela pode ser considerada uma educação não institucionalizada, que ocorre nesses grupos populares. No entanto, compartilhamos a visão disponível no Caderno de Formação da Cidade de São Paulo (São Paulo, 2015), mais generalista da Educação Popular: ela não é somente voltada para a população pobre ou é um tipo de educação não formal, mas, sim, uma educação que é para todas as pessoas.

Uma das intencionalidades da Educação Popular é a libertação do aprendiz; trata-se, portanto, de uma forma de mobilização e formação do próprio povo, que pode vir a ser um agente transformador nas esferas política, cultural, econômica e social, quando em busca do empoderamento e da valorização da cultura popular (Araújo, 2018).

Os primeiros movimentos voltados para a Educação Popular, ainda que tímidos, começaram a partir de 1920, com a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, influenciado diretamente pelas ideias de grupos anarcossindicalistas, dentre os quais estavam associações de moradores e sindicatos (São Paulo, 2015). Contudo é somente na década de 1960, diante dos níveis preocupantes de analfabetismo da classe trabalhadora, que o Estado começou a repensar políticas de educação popular (Paula, 2009). Naquela época, movidas pela educação de adultos, duas tendências surgem no país: a educação entendida como libertadora (voltada à conscientização popular), e a educação direcionada ao profissionalismo, ou seja, ao treinamento dessa mão de obra (Gadotti, 2007).

Nesse cenário, lembramo-nos de Paulo Freire, que aglutinou as reivindicações trabalhistas em luta política, apoiado sempre nos movimentos de cultura popular (Araújo, 2018). Aqui vale ressaltar que, atualmente, não entendemos a Educação Popular como uma técnica de conscientização do educando, mas como uma proposta educativa que, a partir da cultura popular, faz parte do processo de conscientização da população. Ou seja, é uma ferramenta apoiada em uma base política, que tem, como princípio, a transformação social, a equidade e a liberdade dos seus sujeitos (Brandão; Assumpção, 2009; Melo Neto, 2011).

Ao longo dos anos, especialmente entre 1970 e 1980, surgiram as defesas às escolas laicas, públicas, comunitárias, populares e de qualidade, o que desembocou, mais à frente, na

Escola Cidadã (Gadotti, 2007), que, para o próprio Freire, era uma continuidade da escola popular (São Paulo, 2015).

Para Freire (1992, p. 44), na educação – e aqui enfatizamos na “educação popular” – não se pode deixar de lado a compreensão de mundo de jovens e adultos “nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social [sic] de que fazem parte”, isto é, “sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes [...]” em diversas perspectivas, seja sobre religiosidade, saúde, sexualidade, ou qualquer outra vertente.

É a partir dessa consciência da responsabilidade com o outro que se afirma que a educação popular é feita por educadores e educadoras que, segundo Freire (1992, p. 44), estejam atentos [sic] aos saberes de experiência, pois o “respeito a esses saberes se insere no horizonte maior em que eles se geram – o horizonte do contexto cultural, que não pode ser [entendido] fora de seu corte de classe”.

Compreender quem faz e com quem se faz a educação popular é entender que, em muitas situações, não há uma classe, um profissional ou um grupo específico que a conduza, assim como não há um determinado público que a vivencie. Tudo dependerá do contexto, da dimensão da prática social que se estiver presenciando em um momento determinado. Decorrerá da força e da resiliência dos envolvidos, da história, das demandas, do movimento de não opressão daquele (e daquilo) que se defende e por quem (e por que) se luta.

### **Cursinhos populares: um caminho possível para a Educação Popular**

Cristovam Buarque, professor universitário, pesquisador e político atuante em áreas como Educação e Políticas Públicas, em uma entrevista dada à Revista Época, em 2015, disse que, muitas vezes, o CPF e o CEP de uma criança definem a educação que ela receberá, isto é, o ensino está pautado em sua origem social; de fato, parece haver uma discrepância entre a qualidade escolar oferecida na periferia e nos bairros de elite, sem contar o próprio acesso dos jovens a esses espaços e conseqüentemente às oportunidades dadas àqueles, no que tange áreas de lazer, esporte, cultura etc.

A desigualdade (e a qualidade) na/da Educação Básica acabam se refletindo, infelizmente, na Educação Superior. De acordo com o Mapa do Ensino Superior no Brasil, de 2020, apesar de a maioria dos estudantes das universidades públicas originar-se do Ensino Médio público – cerca de 68% – ainda há desigualdade no acesso a essas instituições. Vejamos: a classe E, aquela que recebe até um salário mínimo, representa 45% da população brasileira

*Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo: um caminho possível na busca pela educação popular*

entre 18 e 24 anos; no entanto, apenas 24,7% desses jovens chegam a ser estudantes universitários. O estudo mostra que, quanto maior a classe social, mais chances de se ingressar no Ensino Superior: mais de 60% dos jovens da classe A, por exemplo, estão matriculados em cursos de graduação. Aqui, lembramos que o acesso à universidade não garante a permanência do estudante nesses locais, e é por isso que uma das políticas socioafirmativas existente atualmente nas universidades, especialmente públicas, é o auxílio-permanência, que contribui com despesas de deslocamento e alimentação (SEMESP, 2020).

Esse cenário, aos poucos, tem mudado por diversos motivos: além das ações afirmativas, programas como Programa Universidade Para Todos (Prouni) e Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), de financiamento estudantil, a Lei de Cotas, e a criação de novas instituições, em especial, os Institutos Federais, são alguns dos transformadores da realidade universitária (Ristoff, 2014). Nesse contexto, começaram a surgir os cursos pré-vestibulares populares ou comunitários, que permitiram não somente que classes sub-representadas ingressassem na Educação Superior, como também pressionassem órgãos governamentais para o desenvolvimento de ações de inclusão social (Rimoli; Spatti; Campos; Lima, 2019).

O primeiro grande exemplo de cursinho popular – embora já houvesse movimentos semelhantes acontecendo nas décadas anteriores – foi a criação do Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), em 1990, no Rio de Janeiro. Essa foi uma das quatro etapas propostas por Castro (2005), que entende o surgimento dos cursos comunitários da seguinte forma: na primeira fase, nas décadas de 1950 e 1960, começa-se a debater educação popular; nela, a principal luta é para que vagas universitárias excedentes fossem disponibilizadas. A segunda fase diz respeito à atuação das Comunidades Eclesiais de Base, que propunham a constituição dos cursos populares, envolvendo, de forma significativa, a população. Na terceira fase, em 1990, os cursinhos se formam, ainda dentro de universidades, e só passam a receber o título de Educação Popular efetivamente na quarta fase (Castro, 2005).

Diferentemente dos cursinhos preparatórios privados, que cobram mensalidade, os cursinhos populares, muitas vezes, funcionam de forma gratuita, com a participação voluntária de funcionários (que, no geral, são estudantes da própria universidade e ex-alunos do cursinho) e trazem o que Freire (1987) chamou de “educação problematizadora”, libertária, isto é, pautada no diálogo e na problematização das condições sociais. Trata-se,

portanto, de uma forma de leitura de mundo que ultrapassa o “simples” ingresso na universidade (Rimoli; Spatti; Campos; Lima, 2019). Um exemplo disso, como destaca Mendes (2009), é que muitos cursinhos populares abandonaram o rótulo de “pré-vestibular”, e o substituíram por “pré-universitário”, entendendo que o exame do vestibular é muitas vezes **elitista** e demanda conteúdos distantes da educação pública, por exemplo.

Logo, não seria possível que um cursinho popular fosse caracterizado dessa forma se tratasse apenas da competição por uma vaga universitária – para manter seu caráter popular, deve haver uma reflexão sobre os papéis sociais envolvidos no processo; uma problematização do conteúdo do vestibular; uma luta contra o movimento excludente das vagas no Ensino Superior; um questionamento à educação bancária etc. (Mendes, 2009).

Assim, acreditamos ser cabível, diante de todas essas características, considerar que existem aproximações entre os cursinhos populares e a Educação Popular.

### **Um levantamento dos cursinhos populares de São Paulo: aspectos metodológicos**

A presente investigação teve configuração de pesquisa qualitativa que, segundo Dourado e Ribeiro (2023), inclui a subjetividade do pesquisador expressa, entre outros aspectos, na escolha da temática e na análise do material coletado, de modo a se preocupar menos com a representatividade numérica do grupo pesquisado e mais com o aprofundamento da compreensão da situação de pesquisa escolhida, que, no nosso caso, seria um olhar para os cursinhos populares do estado de São Paulo.

A pesquisa qualitativa não se caracteriza como rigidamente estruturada, pois permite a exploração de novos enfoques, inclusive a partir da pesquisa documental que “[...] representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas” (Godoy, 1995, p. 21). Para Fontana e Pereira (2023), as fontes da pesquisa documental podem se constituir tanto na forma escrita como na não escrita, merecendo destaque a documentação eletrônica, encontrada de forma online, considerada como artefato documental apto a receber uma análise sistematizada. No presente artigo, consideramos os sites das instituições dos cursinhos populares de São Paulo, fontes documentais para constituição da análise.

Entendemos que os sites com as informações sobre os cursinhos populares se configuram como o que Gil (2008) intitula como registros escritos fornecidos por instituições governamentais ou não governamentais, os quais podem ser muito úteis para a pesquisa

*Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo: um caminho possível na busca pela educação popular*

social. Na área das Ciências Humanas, podem ser encontrados diversos estudos que tomam por base material disponibilizado de forma *online*, seja como a primeira ou única fonte de coleta de dados (Araújo; Pugliese, 2018; Holanda; Braz, 2012; Nobre; Morais, 2021; Piana, 2009; Schäfer; Lima, 2012, entre outros).

Assim, na presente pesquisa, foi realizada uma análise do estado do conhecimento que se refere às pesquisas sobre um tema em determinada esfera de publicações (Romanowski; Ens, 2006), tratando de uma análise mais específica que o estado da arte (Silva et al., 2020). Fez-se um levantamento dos cursinhos populares pré-vestibular oferecidos pelas três universidades públicas presentes na cidade/região metropolitana de São Paulo: Universidade de São Paulo, Universidade Federal do ABC e Universidade Federal de São Paulo.

As informações disponíveis foram encontradas nos respectivos sites das instituições, que mantêm uma listagem dos cursos ofertados (<https://www5.usp.br/servicos/cursos-pre-vestibular/>; <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/cursinhos-populares>; <https://epufabc.proec.ufabc.edu.br/>), com as indicações das páginas que contêm mais informações sobre os projetos, conforme a Tabela 1. Por se tratar de programas institucionalizados, muitas vezes vinculados a seções específicas das universidades, outra fonte de consulta foram os sites das Pró-Reitorias (por exemplo, <https://proec.ufabc.edu.br/cursos/escola-preparatoria-da-ufabc>). Nos links descritos, buscou-se realizar o levantamento de todas as informações disponíveis sobre os cursinhos populares, como o histórico, o número de estudantes impactados, o funcionamento das aulas etc.

**Tabela 1:** levantamento dos cursos pré-vestibular oferecidos em parceria com universidades da cidade/região metropolitana de São Paulo

<b>Universidade</b>	<b>Cursinho popular</b>	<b>Localização</b>
Universidade Federal do ABC	Escola Preparatória da UFABC	Santo André, São Bernardo
Universidade Federal de São Paulo	Cursinho Pré-vestibular Jeannine Aboulafia	São Paulo
Universidade Federal de São Paulo	Cardume	Santos
Universidade Federal de São Paulo	Articula Cursinhos	Diadema
Universidade Federal de São Paulo	CIUNI	Diadema
Universidade Federal de São Paulo	Cursinho Popular Pimentas	Guarulhos
Universidade de São Paulo	Curso Pré-Vestibular MedEnsina	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular EACH	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular Clarice Lispector	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho FEA	São Paulo

Universidade de São Paulo	Cursinho Psico	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho da FFLCH	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho do Crusp	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular do DCE Livre da USP	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho da Poli do Grêmio Politécnico	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho Social FlaviUSP	São Paulo
Universidade de São Paulo	Arcadas Vestibular	São Paulo
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular da Acepusp	São Paulo
Universidade de São Paulo	Marie Curie Vestibulares (MACVEST)	Lorena
Universidade de São Paulo	Cursinho Avante	Piracicaba
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular Pirassununga (CPP)	Pirassununga
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular do PET-Medicina	Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular da Farmácia (FCFRP)	Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo	Cursinho Popular da Faculdade de Direito (FDRP)	Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo	Cursinho Atuamente	Santos
Universidade de São Paulo	Projeto Aprender	São Carlos

Fonte: as autoras, 2024.

Salientamos que universidades públicas localizadas fora da região metropolitana de São Paulo, como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), também ofertam cursos comunitários, porém optamos por restringir o escopo da pesquisa, para possibilitar uma descrição melhor dos projetos citados. Dessa forma, alguns programas que continham um maior detalhamento disponível nas fontes de pesquisa foram selecionados, a fim de trazer um panorama consistente sobre suas atuações.

Outro ponto de destaque é que o presente trabalho não visa a esgotar as discussões sobre o tema – pelo contrário, esperamos que o levantamento detalhado dos cursinhos universitários sirva de pontapé inicial para discussões futuras mais aprofundadas sobre os impactos e conquistas dessas instituições.

### **Escola Preparatória – Universidade Federal do ABC (UFABC)**

A Escola Preparatória da UFABC (EPUFABC) foi fundada em 2010, e, desde então, já formou mais de 4.500 estudantes – todos advindos do Ensino Básico público. O projeto surgiu de uma iniciativa extensionista de graduandos e, atualmente, cerca de 100 docentes voluntários e bolsistas passam pelo projeto todos os anos. A título de exemplo: a lista de “frutos” do programa inclui mais de 400 educandos aprovados em universidades particulares

*Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo: um caminho possível na busca pela educação popular*

e federais apenas em 2018, via Programa Universidade Para Todos (Prouni), sendo 150 aprovados no ingresso na própria UFABC (UFABC, 2018, 2024).

A proposta nasceu justamente com o intuito de preparar os estudantes para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), considerado a porta de entrada da UFABC. Com enfoque nas comunidades populares da região do ABC, são ofertadas anualmente 633 vagas, divididas em período vespertino e noturno, nos *campi* de Santo André e São Bernardo do Campo. Dessas, uma cota é reservada para a população negra, transexual e travesti, refugiada, surda e terceirizada da instituição (UFABC, 2024).

A matriz curricular é composta por 23 disciplinas, que não se restringem somente à sala de aula – são ofertados, também, aulões abertos ao público em geral, simulados, grupos de estudos, monitorias, aulas interdisciplinares, atividades em laboratórios da universidade, além de uma formação continuada para os próprios docentes da EPUFABC (UFABC, 2024).

Uma vez que a Escola Preparatória vinculou-se à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFABC, novas vertentes do programa começaram a ser criadas, dentre elas, uma plataforma de divulgação científica sobre a Covid-19 e um *podcast*, criado pelas equipes de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e de Ciências Humanas e suas Tecnologias. É importante ressaltar que a EPUFABC manteve suas atividades de forma remota durante a pandemia (UFABC, 2018, 2024).

**Cursinho Pré-Vestibular Jeannine Aboulafia – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**

O Cursinho Pré-Vestibular Jeannine Aboulafia (CUJA) funciona há mais de 20 anos e foi fundado por graduandos, pós-graduandos e servidores da Unifesp – São Paulo, que trabalham voluntariamente em diversas áreas: docência, coordenação, correção, monitoria, secretaria etc. São 200 vagas anuais para aulas que acontecem no período noturno e aos sábados, além de tutorias, plantões, simulados e outros eventos, como feira de profissões. Parte dessas vagas também é destinada a pretos, pardos, indígenas e pessoas transgênero (Unifesp, 2023, 2024).

O CUJA possui uma parceria com o sistema ETAPA, que fornece as apostilas aos estudantes. Além disso, em 2020, lançou o “CUJA EAD”, plataforma que conta com planos de aula, vídeo-aulas e outros materiais, para continuar mantendo o ensino durante a pandemia (Unifesp, 2024).

### **Cardume – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**

O Cardume é um curso popular que acontece na Baixada Santista – onde também existe um *campus* da Unifesp – desde 2012, embora a primeira turma só tenha sido formada em 2014. Já foram atendidos mais de 2.400 estudantes, distribuídos em cerca de 120 vagas anuais. As aulas acontecem no período noturno e aos sábados, e existem três tipos de enfoque: a preparação para o ENEM – o que permite o ingresso na própria universidade; para instituições privadas através de programas como o Prouni e para os vestibulinhos de Escolas Técnicas Estaduais (ETECs) e Institutos Federais (Unifesp, 2024).

Em 2017, foi criado o Grupo de Estudos do Cursinho Popular Cardume, que se reúne semanalmente, a fim de discutir a fundamentação teórica que move o programa. Os debates se baseiam nas relações existentes entre educação crítica e vestibular, a partir de um cenário em que o acesso à universidade ainda é pautado em mérito (Unifesp, 2024).

### **Articula Cursinhos e CIUNI – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**

O Articula Cursinhos e o Cursinho Universitário (CIUNI) são projetos vinculados ao *campus* de Diadema da Unifesp. O primeiro, nascido em 2017, funciona como uma rede com diversos parceiros que articula, de forma colaborativa, outros cursos preparatórios. Assim, possui, como parceiros, instituições como a EPUFABC, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, a Universidade de Aveiro (em Portugal), entre outros. Devido a essa amplitude, seus docentes são alunos da Unifesp, professores formados em diversas instituições e professores da rede pública. Existe, também, uma parceria com as escolas através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica do Ensino Médio/PIBIC-EM da Unifesp (Unifesp, 2024).

Já o segundo projeto surgiu de uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Apoio Estudantil, entre 2010 e 2011, a qual identificou que a maior parte dos estudantes do *campus* Diadema não era morador da cidade. Isso despertou um olhar para a necessidade de que o público da região ocupasse esse espaço. A última edição aconteceu em 2020, quando contava com aulas à noite e aos sábados (Unifesp, 2024).

### **Cursinho Popular Pimentas – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**

O Pimentas é um projeto criado em 2002 por discentes voluntários do *campus* da Unifesp Guarulhos, localizado no bairro de mesmo nome do projeto, e que oferta 250 vagas anualmente. Segundo o Curso, a intenção não é somente oferecer condições aos estudantes

*Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo: um caminho possível na busca pela educação popular*

para ingresso na Educação Superior, mas também despertar consciência sobre a realidade em que esses jovens estão inseridos e quais são as ferramentas que possuem para se tornarem cidadãos críticos – e, conseqüentemente, mudarem esse cenário (Unifesp, 2024).

**MedEnsina – Universidade de São Paulo (USP)**

O MedEnsina foi fundado em 2002 e localiza-se dentro da Faculdade de Medicina da USP. Sua equipe conta com 150 voluntários, sendo todos estudantes dos cursos de medicina, fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia da instituição. São 300 vagas ofertadas anualmente, divididas entre ampla concorrência, e autodeclarados pretos, indígenas, pessoas transgênero e pessoas com deficiência. As aulas acontecem à noite e aos sábados, e a iniciativa conta com uma parceria com o curso Poliedro, que fornece as apostilas (MedEnsina, 2024).

Uma grande vertente do programa é o projeto Entrelaços, criado em 2019, para atender às necessidades socioemocionais dos estudantes do cursinho. São propostas atividades como grupos terapêuticos, plantão psicológico, atendimento aos docentes e grupos preventivos (Entrelaços, 2024).

Em 2022, começou também a campanha “MedEnsina Arrecada”, que busca suporte financeiro para que pessoas de baixa renda consigam realizar as inscrições nos vestibulares. Desde então, mais de 33 mil reais já foram arrecadados, beneficiando mais de 160 estudantes (MedEnsina, 2024).

**Cursinho EACH – Universidade de São Paulo (USP)**

Mais de 200 aprovações em vestibulares em cinco anos, 120 estudantes anualmente e 116 voluntários são alguns números que representam o Cursinho EACH, formado em 2016. O projeto conta com aulões, plantões e diversos projetos: clube de leitura, semana da educação e diálogos com profissionais. Tal desempenho é mantido por estudantes da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP. As aulas são voltadas para os jovens da Zona Leste de São Paulo, sendo priorizados aqueles de baixa renda, pretos, pardos, indígenas e pessoas trans (Cursinho EACH, 2024).

**Cursinho FEA – Universidade de São Paulo (USP)**

Fundado em 2000 por estudantes da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP, o cursinho FEA recebe cerca de 430 jovens por ano, com uma média de aprovação de 80% nos principais vestibulares. Existe, também, vinculado a ele, um

projeto de tutoria, em que os estudantes recebem um suporte individualizado de um aluno da USP ou de um ex-aluno do cursinho. Essa tutoria ajuda na organização do cronograma de estudos, nas dúvidas sobre a carreira e na realização dos vestibulares (Cursinho FEA USP, 2024).

Diversos eventos vinculados ao Cursinho FEA acontecem anualmente: Semana do Cursinho – que arrecada dinheiro para o pagamento das taxas de inscrição, Cursinho Junina – uma festa junina tradicional, voltada aos estudantes, Feira de profissões e Estudantada – uma confraternização de relaxamento antes do vestibular (Cursinho FEA USP, 2024).

### **Cursinho da Psico – Universidade de São Paulo (USP)**

Esse Cursinho nasceu em 1997 a partir de movimentações estudantis que discutiam a ampliação de vagas universitárias. O projeto se define como uma “autogestão”, ou seja, não há hierarquia deliberativa entre seus funcionários e todos devem contribuir de forma ativa para a construção do Cursinho. Assim, é obrigatória a realização de reuniões pedagógicas e cursos de formação de docentes em parceria com o CRISE – Coletivo de Reflexão e Intervenção sobre o Espaço do Cursinho da Psico, que promove eventos voltados para a formação cidadã crítica de funcionários e estudantes (USP, 2024).

### **Cursinho Popular da Poli – Universidade de São Paulo (USP)**

O Cursinho Popular da Escola Politécnica da USP nasceu, oficialmente, em 1987, em uma parceria entre docentes da Universidade e o Grêmio Estudantil. Em 1992, com a retirada de apoio financeiro da Escola, o Cursinho passou a operar com número mínimo de estudantes até que, em 1997, uma série de atividades criadas para arrecadação de fundos – como a Escola de Idiomas – permitiu uma revitalização do projeto. Em seu auge, nos anos 2000, mais de 10.000 inscrições foram realizadas (USP, 2024).

Em 2006, após outro período conturbado na gestão do Cursinho, o Grêmio voltou a administrar o programa, recrutando mais de 70 voluntários da própria Instituição e que, atualmente, já se tornaram 175. Hoje, existem três formas de os 500 estudantes ingressarem, anualmente, no projeto: através do curso extensivo (que dura o ano todo), do curso intensivo (que dura apenas seis meses) e do curso básico (que propõe contato com conteúdos do Ensino Médio e sua inserção gradual nos vestibulares) (USP, 2020).

## **Conclusão**

Parte dos exemplos citados anteriormente sobre cursos pré-vestibular populares oferecidos pelas universidades mostra uma face da Educação Superior comprometida com uma educação libertária, emancipatória. De fato, existe uma preocupação dessas instituições com a preparação para o mercado de trabalho, impactada, principalmente, por um caráter neoliberal, que aqui se dilui em uma ação de transformação social. Nesse sentido, as universidades se aproximam das bases da Educação Popular, também emancipatória e pautada na luta política (Cunha; Montrone; Costa, 2020).

Muitos dos cursos apresentados tornaram-se projetos vinculados à Pró-Reitoria de Extensão, cujo papel é justamente o diálogo com o público externo, reafirmando o papel social da universidade. Isso torna os cursos comunitários<sup>1</sup>, como afirmam Cunha, Montrone e Costa (2020), baseados em Freire (1997), uma ferramenta de reflexão e ação da transformação da realidade.

Um ponto a se destacar é que, para Groppo, Oliveira e Oliveira (2019, p. 3), os cursinhos populares, no Brasil, evidenciam-se como um movimento social pela educação e enfrentam um dilema entre conciliar a preparar a população “para os exames de acesso e a intenção de ser um instrumento de luta popular pela democratização da educação superior pública”.

O fato de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) ter instituído a obrigatoriedade da Educação Básica, tendo o Ensino Médio como seu último segmento, ampliou a busca pela Educação Superior, já que um maior número de pessoas passou a estar apto a se inserir em cursos de graduação e complementar sua formação acadêmica. Essa demanda fez aumentar o número de vagas nas Instituições de Educação Superior (IES): como a gestão pública não foi suficiente para atender à nova demanda, as instituições privadas encontraram um terreno fértil para expansão. Nesse contexto, surgem as universidades que Calderón (2000, p. 61) denomina como *mercantis*, ou seja, “universidades particulares com explícitos fins lucrativos, geridos [*sic*] enquanto empresas educacionais, oferecendo produtos e serviços de acordo com a demanda do mercado”.

Em um primeiro momento, são essas universidades *mercantis* que absorvem grande parte do público dos cursinhos populares, pois, além da oferta de vagas em cursos noturnos, fato que atende ao público trabalhador, as IES privadas aderem aos programas de financiamento (Prouni e Fies), o que atrai ainda mais as classes mais pobres.

Não se deve esquecer que os cursinhos populares também podem ser usados como instrumento de acesso a cursos superiores de IES privadas, bem como a carreiras e IES públicas de menor prestígio e ainda a bolsas via Programa Universidade para Todos (Prouni). Parte importante da evasão ou da frequência instável da discência parece explicar-se pela clarificação que esses cursinhos promovem. As/os estudantes passam a compreender logo as reais dificuldades de se ter [acesso] ao curso ou à IES inicialmente desejados (Grosso; Oliveira; Oliveira, 2019, p. 9).

Paralelamente, a expansão das vagas e a ampliação de cursos de graduação noturnos também acontecem nas instituições públicas, mas a oferta ainda se faz menor que a procura. Além disso, o sistema de cotas foi instituído nas primeiras décadas do século XXI (Brasil, 2012, 2016; Rio de Janeiro, 2001), o que amplia o acesso de grupos historicamente marginalizados, na tentativa de superar as desigualdades secularmente instituídas em nosso país (ALERJ, 2024). Em todas essas possibilidades de acesso ao Ensino Superior, destaca-se a importância dos cursinhos populares, preparando e formando, política e pedagogicamente, alunos e alunas que buscam uma vaga na Educação Superior.

Além de toda a contribuição voltada para os/as discentes, os cursinhos populares são uma seara para o processo de formação docente, pois permitem que professores e professoras vivenciem ricas experiências pedagógicas, e, apesar de não terem o rótulo nem as regras da educação formal, aproximam-se dos espaços de educação não formal, seja na formação inicial ou continuada. Nesse contexto, temos um desafio, pois, em muitos casos, professores e professoras dos cursinhos são estudantes de graduação, que podem ou não estar vinculados(as) a cursos de Licenciatura. O que abre um debate bastante caro no campo de formação docente, pois legitima a possibilidade de formação docente fora da Licenciatura e a discussão sobre notório saber.

Não há dúvida da importância e da legitimidade dos cursinhos populares no combate à desigualdade histórica de nossa sociedade. A sistematização dos cursinhos populares exige também um olhar sensível para o/a docente que milita nesse processo, pois também é uma luta histórica a valorização da profissão docente e dos cursos de Licenciatura, que não são apenas um apêndice dos cursos de Bacharelado. Pelo contrário, os cursos de formação inicial de professores, as Licenciaturas, são espaços lícitos para que seja estabelecida uma boa formação docente, inclusive com práticas pedagógicas em diferentes espaços de educação não formal (museus, centros de ciências, espaços culturais, organizações não governamentais, cursinhos populares, entre outros).

*Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo: um caminho possível na busca pela educação popular*

É fundamental que o processo de formação inicial seja supervisionado e que não seja um processo de tentativa e erro, sem acompanhamento ou supervisão. Assim, tanto na formação inicial quanto na continuada, momentos formativos e reflexivos sobre o ofício docente devem fazer parte do dia a dia dos cursinhos populares, como uma forma de cuidado com o profissional que está à frente das turmas. Ter pessoas bem formadas que efetivamente contribuam “com” e “para” os objetivos primeiros dos cursinhos populares, como apontam Groppo, Oliveira e Oliveira (2019), que conjugam práticas pedagógicas e pautas políticas, é fundamental. Ter professores formados na equipe docente dos cursinhos é um movimento de respeito à população que os procura.

### Referências

ALERJ. **Sistema de Cotas**. 2024. Disponível em: <https://www.vestibular.uerj.br/wp-content/uploads/2019/03/LEI-N%C2%BA-8121-DE-27-DE-SETEMBRO-DE-2018.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2024.

ARAUJO, Ingrid de; PUGLIESE, Adriana. Ações educativas para públicos de inclusão: análise do cenário expositivo e ações educativas de zoológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 2018, Belém. **Anais [...]**. Belém: [s.n.], 2018.

ARAUJO, Renan Soares de. Educação, Cultura e Conscientização. In: ARAÚJO, Renan Soares de; CRUZ, Pedro José Carneiro (Orgs). **Educação Popular e Práticas Sociais**: ação, processo formativo e construção do conhecimento. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018. p. 31-48.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL. **Lei Nº 12.711/2012, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2012.

BRASIL. **Lei Nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2016.

CALADO JÚNIOR, Alder. Educação popular como processo humanizador: quais protagonistas? In: CRUZ, Pedro José Santos Cerneiro; VASCONCELOS, Ana Cláudia Cavalcanti Peixoto; SOUZA, Luciana Maria Pereira de; TÓFOLI, Adriana Maria Macedo de Almeida; CARNEIRO, Daniela Gomes de Brito; ALENCAR, Islany Costa (Org.). **Educação popular e nutrição social**: reflexões e vivências com base em uma experiência. João Pessoa: UFPB, 2014. p. 355- 375.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio. Universidades mercantis: a institucionalização do mercado universitário em questão. **São Paulo em Perspectiva**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 61-72, 2000.

CASTRO, Cloves Alexandre de. **Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

CUNHA, Ana Luiza Salgado; MONTRONE, Aida Victoria Garcia; COSTA, Glauber Barros Alves. (Des)encontros da extensão universitária com a educação popular na Universidade Federal de São Carlos. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 14, n. 1, p. e3951126, 2020.

CURSINHO EACH. **Cursinho Popular EACH – USP**. 2024. Disponível em: <https://www.cursinhoeach.com.br>. Acesso em: 09 abr. 2024.

CURSINHO FEA USP. **Cursinho FEA – USP**. 2024. Página inicial. Disponível em: <https://www.cursinhofeausp.com.br/home>. Acesso em: 09 abr. 2024.

DOURADO, Simone; RIBEIRO, Ednaldo. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: MAGALHÃES JÚNIOR; BATISTA, Michel Corci (Org.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. p. 12-30.

ENTRELAÇOS. **Projeto Entrelaços**. 2024. Disponível em: <https://entrelacosprjt.wixsite.com/entrelacos>. Acesso em 09 abr. 2024.

FONTANA, Felipe; PEREIRA, Ana Carolina Torrente. Pesquisa documental. In: MAGALHÃES JÚNIOR; BATISTA, Michel Corci (Org.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. p. 42-58.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. **Proposta**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 113, p. 21-27, Jul./Set., 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008. p. 220.

GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GROPPO, Luís Antônio; OLIVEIRA, Ana Garcia Rosa de; OLIVEIRA, Fabiana Mara de. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-24, 2019.

HOLANDA, Cínthia; BRAZ, Márcia Ivo. Indexação automática de conteúdos na web: análise de sites de museus. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 42-59, 2012.

*Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo: um caminho possível na busca pela educação popular*

MEDENSINA. **MedEnsina**: Cursinho Popular. 2024. Disponível em: <https://www.medensina.com>. Acesso em 09: abr. 2024.

MELO NETO, José Francisco. Educação Popular e “Experiência”. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 26, n. 85, p. 31-50, Jan./Jun., 2011.

MENDES, Maria Tavares. Cursinhos populares pré-universitários e educação popular: uma relação possível. In: FÓRUM DE ESTUDOS: Leituras de Paulo Freire, 11., 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

NOBRE, João Carlos Cunha; MORAIS, Elisabete Paulo. Estratégias de comunicação web dos museus Portugueses: Museus nacionais versus fundações. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, [S.l.], v. 37, p. 125-136, 2021.

OSHIMA, Flávia Yuri. Cristovam Buarque: "O MEC tem de ser o ministério das crianças". **Revista Época**, Abr., 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/04/cristovam-buarque-o-mec-tem-de-ser-o-ministerio-das-criancas.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. “Educação Popular, educação não formal e pedagogia social: análise de conceitos e implicações para educação brasileira e formação de professores”. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUC-PR, 2009. p. 6133-614.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 23. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira. Educação popular e os seus diferentes espaços: educação social de rua, prisional, campo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Educadores Sociais, 2012. p. 1-11. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092012000100032&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092012000100032&lng=en&nrm=abn). Acesso em 09: abr. 2024.

RIMOLI, Josely; SPATTI, Ana Carolina; CAMPOS, Matheus Leite; LIMA, Flávia Traldi. Cursinhos comunitários e o direito à educação: a história do cursinho pré-vestibular Colmeia. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 56-75, 2019.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 3708**, de 09 de novembro de 2001. Institui cota de até 40% (quarenta por cento) para as populações negra e parda no acesso à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e à Universidade Estadual do Norte Fluminense, e dá outras providências. Rio de Janeiro: ALERJ, 2001. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/90840/lei-3708-01>. Acesso em: 09 abr. 2024.

RISTOFFI, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**,

Campinas, v. 19, n. 3, p. 723 – 747, Nov., 2014.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SÃO PAULO. **Caderno de Formação: Educação Popular e Direitos Humanos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2015. p. 41. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/livros/Cadernos\\_Formacao\\_Educacao\\_Popular.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/livros/Cadernos_Formacao_Educacao_Popular.pdf) Acesso em: 10 abr. 2024.

SCHÄFER, Murilo Billig; LIMA, Eliseu do Santos. A classificação e a avaliação de documentos: análise de sua aplicação em um sistema de gestão de documentos arquivísticos digitais. **Perspectivas Em Ciência Da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, 137–154, 2012.

SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil**. 10. ed. São Paulo: SEMESP, 2020. p. 192. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Mapa-do-Ensino-Superior-2020-Instituto-Semesp.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SILVA, Anne Patrícia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. e37452, 2020.

UFABC. **Escola Preparatória da UFABC**. 2024. Disponível em: <https://proec.ufabc.edu.br/cursos/escola-preparatoria-da-ufabc>. Acesso em: 10 abr. 2024.

UFABC. **Escola preparatória da Universidade Federal do ABC**. 2018. Disponível em: <https://epufabc.proec.ufabc.edu.br/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

UNIFESP. **Articula cursinhos**. 2024. Disponível em: <https://articulacoes.unifesp.br/cursinho>. Acesso em: 10 abr. 2024.

UNIFESP. **CUJA UNIFESP**. 2024. Disponível em: <https://www.cujaunifesp.com/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

UNIFESP. **Cursinho popular Cardume**. 2024. Disponível em: <https://cardumeunifesp.wixsite.com/cursinho>. Acesso em: 10 abr. 2024.

UNIFESP. **Cursinho popular Cardume**. 2024. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/cursinhos-populares/campus-baixada-santista/cardume>. Acesso em: 10 abr. 2024.

UNIFESP. **Cursinho Unifesp Guarulhos**. 2024. Disponível em: [https://cursinhounifesp-guarulhos.blogspot.com/2021/02/edital-de-selecao-cursinho-gratuito-pre.html#google\\_vignette](https://cursinhounifesp-guarulhos.blogspot.com/2021/02/edital-de-selecao-cursinho-gratuito-pre.html#google_vignette). Acesso em: 10 abr. 2024.

UNIFESP. **Cursinho Unifesp Guarulhos**. 2024. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/cursinhos-populares>. Acesso em: 10 abr. 2024.

*Os cursinhos populares oferecidos pelas universidades públicas de São Paulo: um caminho possível na busca pela educação popular*

UNIFESP. **Cursinho Universitário Campus Diadema**. 2024. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/cursinhos-populares/campus-diadema/ciuni-cursinho-universitario-campus-diadema>. Acesso em: 10 abr. 2024.

UNIFESP. **Processo seletivo CUJA 2023**. 2023. Disponível em: <https://sp.unifesp.br/noticias/processo-seletivo-cuja-2023>. Acesso em: 10 abr. 2024.

USP. **Cursinho da Psico: quem somos nós?**. 2024. Disponível em: <https://sites.google.com/view/cursinhopsicosp/o-cursinho?authuser=0>. Acesso em: 10 abr. 2024.

USP. **Cursinho Popular da Poli USP**. 2024. Disponível em: <https://sites.google.com/cursinhopoliusp.com/site/sobre-n%C3%B3s?authuser=0>. Acesso em: 10 abr. 2024.

USP. **Cursos pré-vestibular**. 2024. Disponível em: <https://www5.usp.br/servicos/cursos-pre-vestibular/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

USP. **Sobre o Cursinho da Poli USP**. 2020. Disponível em: <https://cursinhocpusp.wixsite.com/cpusp/sobre>. Acesso em: 10 abr. 2024.

## Nota

---

<sup>i</sup> Groppo, Oliveira e Oliveira (2019) fazem uma breve distinção entre cursinhos populares e cursinhos comunitários: os primeiros parecem ter associado um caráter político e pedagógico à sua prática, enquanto os segundos seriam mais pragmáticos e envolvidos com as questões pedagógicas de aprovação no vestibular.

## Agradecimentos

O presente trabalho teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo número 409899/2021-6.

## Sobre as autoras

### Ana Regina de Oliveira Hungaro

Professora de Ciências dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) da Universidade Federal do ABC (UFABC). Graduada em Ciência e Tecnologia e Licenciada em Ciências Biológicas, ambas pela mesma instituição. Email: <[ana.regina@aluno.ufabc.edu.br](mailto:ana.regina@aluno.ufabc.edu.br)>. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0003-0665-3136>>.

### **Adriana Pugliese**

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, área de Ensino de Ciências e Matemática. É professora da Universidade Federal do ABC e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências/NEPEC-UFABC. Email: <[adriana.pugliese@gmail.com](mailto:adriana.pugliese@gmail.com)>. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-4683-5834>>.

### **Rosália Aparecida de Oliveira**

Diretora de Escola Efetiva da Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo. Psicóloga formada pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e pedagoga formada pela Universidade São Judas. Email: <[rosalia.a@sme.prefeitura.sp.gov.br](mailto:rosalia.a@sme.prefeitura.sp.gov.br)>. Orcid: <<https://orcid.org/0009-0007-5078-5757>>.

Recebido em: 17/06/2024

Aceito para publicação em: 25/06/2024